

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT12.025

O DESAFIO DA INTERGERACIONALIDADE NA SALA DE AULA DA EJA EM UMA SOCIEDADE LONGEVA

Emanuella de Jesus¹

RESUMO

O mundo está envelhecendo e tem se tornado cada vez mais comum convivermos com diferentes pessoas, de diferentes gerações em diferentes espaços sociais. E este fato nos obriga a pensar em estratégias de convivências relacionais e de aprendizagem que promovam a intergeracionalidade em detrimento do idadismo. E como promover a intergeracionalidade em uma sociedade cada vez mais longeva e em constante processo de mudanças e rupturas? É sobre pensar a intergeracionalidade, atrelada a um processo de educação ao longo da vida que este artigo quer tratar. A velhice precisa voltar a ser encarada como um processo natural da vida e os velhos precisam ser acolhidos e incluídos como seres pensantes e pulsantes em todos os ambientes de convívio social, inclusive a sala de aula da Educação de Jovens e Adultos. É inegável, portanto, a importância social da modalidade Educação de Jovens e Adultos, na promoção da inclusão e no acolhimento das diversidades. A EJA é esse espaço educacional no qual todas as pessoas são

1 Emanuella de Jesus é professora e pesquisadora das Artes da Cena. Desenvolve desde 2012 processos criativos voltados para o público 60+. cursou Licenciatura em Educação Artística - Artes Cênicas pela Universidade Federal de Pernambuco, especialização em Cultura Pernambucana pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE) e Mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente exerce a função de professora-técnica na Gerência de Políticas Educacionais de Jovens Adultos e Idosos da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, emanuella.jesus@gmail.com;

incluídas, e quanto mais incentivarmos que as escolas tenham esse espaço inclusivo que é a Educação de Jovens e Adultos, mais conseguiremos que, um número maior de pessoas se sinta bem-vindas na escola, mesmo estando elas fora do padrão etário. Porque a EJA é este momento oportuno, de estudar e de realizar sonhos.

Palavras-chave: Idoso, Intergeracionalidade, Educação de Jovens e Adultos.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial que tem provocado profundas transformações sociais, culturais e educacionais. De acordo com Kachar (2003 apud Serra, 2015), os avanços da medicina, as melhorias sanitárias e nutricionais e as mudanças comportamentais e tecnológicas contribuíram significativamente para o aumento da longevidade e da qualidade de vida das populações. Nesse contexto, torna-se indispensável repensar as relações entre as gerações e as estratégias de convivência e aprendizagem que promovam o diálogo intergeracional em detrimento do idadismo – forma de discriminação baseada na idade.

Este estudo reflete sobre a intergeracionalidade como paradigma social e educativo, com foco especial na Educação de Jovens e Adultos (EJA) enquanto espaço privilegiado de inclusão e de educação ao longo da vida. A pesquisa reconhece que o envelhecimento é um processo multifacetado – biológico, cronológico, psicológico e social – e que a velhice, longe de ser um estado homogêneo, deve ser compreendida como uma experiência singular, influenciada pelas condições de vida, cultura e ambiente de cada indivíduo (Jesus, 2016). Assim, a velhice precisa ser ressignificada como parte natural da trajetória humana, rompendo com estigmas e exclusões historicamente construídos (Mascaro, 2004).

A proposta deste trabalho surge, portanto, da necessidade de compreender como promover a convivência intergeracional em uma sociedade cada vez mais longeva e marcada por rupturas tecnológicas e sociais. A EJA, nessa perspectiva, se destaca como um espaço fértil para o encontro entre gerações, uma vez que reúne jovens, adultos e idosos em um mesmo ambiente de aprendizagem, possibilitando trocas de saberes, experiências e afetos que enriquecem o processo educativo e fortalecem a inclusão social.

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar a intergeracionalidade como elemento estruturante de uma educação ao longo da vida, tomando como referência as práticas e vivências que emergem no con-

texto da EJA. Especificamente, busca-se: (1) compreender as concepções de envelhecimento e suas implicações sociais e educacionais; (2) discutir as potencialidades da EJA na promoção de relações intergeracionais; e (3) apontar estratégias pedagógicas que favoreçam o diálogo e o respeito entre diferentes gerações.

Metodologicamente, o estudo se ancora em uma abordagem qualitativa, de natureza reflexiva e descritiva, sustentada em revisão bibliográfica e análise de narrativas pessoais, como o relato de minha convivência com “Tatá” – experiência que pretende ilustrar, a potência das relações intergeracionais na construção do conhecimento e do afeto. Os resultados apontam que a escuta, o diálogo e a valorização da pessoa idosa como sujeito de saber são elementos essenciais para a promoção de uma convivência intergeracional positiva, tanto em espaços familiares quanto educacionais.

Conclui-se, dessa maneira, que a intergeracionalidade, quando incorporada como princípio educativo, contribui para o fortalecimento de vínculos humanos e para a construção de uma sociedade mais solidária e inclusiva. A EJA, nesse sentido, cumpre um papel social e pedagógico fundamental ao acolher sujeitos de diferentes idades e histórias, reafirmando o direito à aprendizagem contínua e à participação ativa em todas as fases da vida.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida apresenta uma abordagem qualitativa e exploratória, voltada à compreensão das dimensões sociais, afetivas e educacionais da intergeracionalidade. A natureza qualitativa da investigação se justifica pelo interesse em interpretar fenômenos humanos complexos, valorizando as experiências subjetivas e as narrativas pessoais como fontes legítimas de conhecimento (Minayo, 2012). O caráter exploratório, por sua vez, busca ampliar o entendimento sobre as relações intergeracionais e suas implicações na Educação de Jovens e Adultos.

Os procedimentos metodológicos adotados envolveram:

1. Revisão bibliográfica fundamentada em autores que discutem o envelhecimento, a velhice e a educação intergeracional, como Bosi (1983), Kachar (2003), Mascaro (2004), Nunes (2024) e documentos da UNESCO (1996);
2. Análise documental de legislações e diretrizes nacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 2017) e pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB, 2000), com vistas a compreender a função social e inclusiva da EJA;
3. Narrativa autobiográfica como instrumento de reflexão sobre experiências intergeracionais vividas, notadamente o relato da convivência com “Tatá”, que contribui para a compreensão afetiva e pedagógica das relações entre gerações.

A coleta de dados, portanto, ocorreu por meio de fontes secundárias (textos teóricos, relatórios e documentos institucionais) e fontes primárias narrativas (memórias e relatos pessoais), buscando evidenciar como os vínculos intergeracionais podem ser formadores de aprendizagens significativas. As análises foram realizadas a partir de uma perspectiva interpretativa, enfatizando a interdependência entre envelhecimento, educação e convivência social.

Assim, o percurso metodológico adotado se propôs a refletir sobre o paradigma da intergeracionalidade, articulando teoria, memória e prática educativa, a fim de evidenciar a importância da EJA como espaço de encontro, aprendizagem e convivência entre as gerações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Graças aos avanços na medicina e aos progressos sanitários, estamos tendo a oportunidade de presenciar uma sociedade que tem o privilégio de envelhecer. Para Kachar (2003),

Os principais fatores desse fenômeno são os avanços da medicina e tecnologia, melhores condições sanitárias e de alimentação, diminuindo a taxa de mortalidade infantil, as mudanças comportamentais e culturais, bem como a redução da natalidade, dentre outros, que contribuem para a melhoria da qualidade de vida e aumento da longevidade. (Kachar, 2003 apud Serra, 2015, p. 26)

E este fato traz em si um desafio que, muitas vezes, passa imperceptível por nós, a convivência entre diferentes gerações nos variados ambientes sociais, e isso nos leva a alguns questionamentos que, ao longo deste artigo, tentaremos elucidar.

Como conviver entre os contrastes advindos das diferentes gerações? Como não transformar essas diferenças em barreiras que promovam uma sociedade de excluídos? Seria possível transformar a intergeracionalidade no paradigma social do século XXI?

Todavia, antes de nos debruçarmos sobre nosso tema principal que é a intergeracionalidade, necessário se faz entender primeiro o que é envelhecimento. O que é envelhecer? Por que o envelhecimento ainda é tão assustador? Quais são os benefícios e as limitações que o envelhecimento traz?

O que primeiro temos que pensar é que o envelhecimento não é um fenômeno isolado e ele se dá por diversos aspectos: o aspecto biológico, que se relaciona com as transformações ocorridas no nosso organismo com o passar dos anos; o cronológico, que se dá a partir da nossa data de nascimento; o aspecto psicológico, que tem a ver como cada um se percebe e se sente; e o social, que se relaciona com o papel que cada sociedade determina para quem envelhece.

Todos estes prismas juntos vão compor esse processo que vai resultar numa velhice que, tomando como base essas nuances, será uma velhice diversa, que se diferencia de pessoa para pessoa e de ambiente para ambiente.

Nessa perspectiva, se nos depararmos com uma pessoa de 70 anos residente em algum país europeu, com uma pessoa de 70 anos residente no Brasil em uma área urbana e com uma pessoa de 70 anos residente no

Brasil num contexto rural, muito provavelmente, perceberemos aspectos muito diferenciados entre as três. Isso porque o ambiente onde cada uma viveu e a forma como cada uma decidiu envelhecer no ambiente no qual estava inserida, impactou de maneiras variadas no processo de envelhecimento de todas elas. Portanto, para Jesus (2016),

Ao discorrer sobre velhice, não estaremos falando de uma face homogênea da sociedade com características e estados comuns, mas de uma fatia da sociedade com características e estados de envelhecimento muito diferenciados em todos os critérios. Assim sendo, não existiria o ser idoso, mas as diversas variantes de ser e de pensar o idoso no século XXI. (Jesus, 2016, p. 106)

Mas, por que a velhice ainda é algo tão temido pela maioria de nós? Porque historicamente fomos acostumados a excluir quem envelhece, enxergando apenas os aspectos negativos que esta fase da vida pode nos trazer, e esses estereótipos produzidos ao longo dos anos ainda insistem em permanecer em nosso inconsciente coletivo. Segundo Mascaro (2004),

Falar de envelhecimento e velhice pode provocar muitas vezes uma profunda angústia nas pessoas. O temor que mesmo os jovens têm ao pensar que um dia vão envelhecer pode traduzir o receio de viver no futuro uma velhice sofrida, solitária e dependente. Observamos as condições de vida e as desigualdades sociais de uma grande parcela de idosos brasileiros, formamos um quadro sombrio do que seja envelhecer, e esse panorama pode explicar a existência de uma imagem estereotipada e negativa do envelhecimento e da fase da velhice. (Mascaro, 2004, p. 63-64)

Contudo, é importante destacarmos que não é porque uma pessoa começa a apresentar as marcas do envelhecimento em si que ela vai deixar de ser Pessoa. Nós continuaremos a ser quem somos. O problema é que socialmente se foi construindo um processo sutil, silencioso e simbólico de exclusão para com quem envelhece, como se aos poucos a pessoa mesmo estando viva fosse deixando de existir, e quem gosta de ficar invisível? Ninguém!

Nós, como sociedade, em algum momento da história, paramos de entender a velhice como um processo natural da vida. Enquanto você é jovem, você é produtivo, você está ali com a sua força de trabalho, na sua potência máxima, contribuindo com a sociedade. E, de repente... você envelhece. Chega naquele momento da aposentadoria, no qual aparentemente você contribuiu com tudo o que você poderia contribuir neste sistema social, e você se ausenta daquele lugar da produtividade.

E este percurso, por muitos anos, contribuiu para que o velho fosse colocado à margem, dentro deste modelo de vida que o capitalismo nos condiciona, no qual o *modus operandi* é ser produtivo, e a produtividade nesses moldes está conectada à ideia de “força de trabalho” que, por consequência, relacionamos à juventude, e, por conseguinte, quase que naturalmente, vinculamos juventude à saúde e força, e velhice à doença e fraqueza.

Entretanto, em virtude de muitos pesquisadores e pesquisadoras, que têm estudado o processo de envelhecimento em seus vários aspectos, nos apresentarem ao longo dos últimos anos as faces positivas da velhice, já é possível percebermos um outro movimento na sociedade, no qual as pessoas que estão em processo de envelhecimento são vistas de outra maneira por uma parte substancial da população.

E esses novos paradigmas têm transformado inclusive a forma como escolhemos envelhecer. Nessa perspectiva, tem se tornado cada vez mais natural conviver com pessoas de setenta, oitenta, noventa, cem anos, que estão plenas de vitalidade e ocupando os espaços sociais. E o que isto quer dizer? Quer dizer que a ideia de velhice está mudando, e que já se torna mais evidente que não é porque você chegou nesse momento de fazer esse rito de passagem para a fase madura da vida que você vai deixar de existir, e que é possível que a sociedade disponibilize novas e variadas oportunidades para quem envelhece continuar ativo como indivíduo e como cidadão.

Dessa maneira, é possível vermos esse movimento de mudança na rotina familiar das pessoas, nos diversos grupos sociais, inclusive no mer-

cado de trabalho, que tem aberto suas portas para receber essas pessoas que chegam na Maturidade e querem continuar trabalhando ou querem investir em uma outra carreira.

É possível perceber, inclusive, uma mudança na forma como enxergamos os marcos cronológicos. Atualmente a maneira como enxergamos as idades é muito diferente de 10, 20, 30 anos atrás.

Vamos fazer um exercício de imaginação! Imagine uma pessoa de 50 anos, nos dias atuais, em 2010, na década de 90, na década de 80 e na década de 70... Como ela se vestia, como era o aspecto visual dela: cabelo, acessórios? A forma como ela se comportava? Quais eram as escolhas que ela fazia? Imaginou? O que você conseguiu deduzir?

Nos dias atuais uma pessoa com 50 anos está no ápice da vida. Se teve filhos cedo, estes provavelmente já estão encaminhados. Se teve filhos mais tarde, já lida com as vicissitudes da maternidade ou paternidade de maneira mais equilibrada. Se teve oportunidade, está com a vida financeira mais estabilizada. E o que uma pessoa como esta deseja? Aproveitar a vida! Ser livre para amar e ser. Como salienta Serra (2025),

A velhice não está relacionada apenas à nossa aparência física, mas à forma como encaramos o mundo. Por esta razão, a velhice não deve ser vista como um obstáculo que nos impede de realizar determinadas coisas, mas como uma fase de descobertas e procura pelo saber. (Serra, 2015, p.193)

E agora, que entendemos um pouco mais sobre como se dá a velhice em seus variados aspectos e refletimos sobre esses novos fluxos social e pessoal que se conectam ao processo de envelhecimento, podemos adentrar em nossa temática principal que é a intergeracionalidade.

CONVIVÊNCIA INTERGERACIONAL

Quando falamos de intergeracionalidade, estamos falando da relação de convívio entre pessoas nas diferentes faixas etárias. Desta maneira,

falar de intergeracionalidade é falar de uma convivência fraterna entre as gerações.

Intergeracional é o termo utilizado para se referir às relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações, que envolve toda a vida social dos indivíduos, e não apenas o contexto familiar, como comumente é visto. E a intergeracionalidade é um conceito amplo, e é permeada por determinantes sociais, raça, gênero, etnia, classe, biológica e cultural. (Neri, 2005 apud Nunes, 2024, p. 26)

Eu vou contar uma história para vocês, que eu sempre conto nas palestras em que discorro sobre essa temática, e que dessa vez decidi deixar registrada de forma escrita.

Eu sou de uma cidade chamada Palmares, que fica localizada na Zona da Mata Sul Pernambucana. Quando era criança, eu convivia muito com uma madrinha de uma das minhas irmãs que se chamava Eutália, mas que nós, da minha família, costumávamos chamar de Tatá.

Meu pai tinha uma movelaria, e nessa loja, por muito tempo, não havia banheiro. Então, toda vez que nós desejávamos ir ao banheiro, tínhamos que ir ou à livraria que ficava em frente ao nosso estabelecimento ou à casa de Tatá, que era um pouco mais distante, mas era onde eu, pelo menos, me sentia mais à vontade.

Tatá devia estar na faixa dos 60 anos, mas para mim, que era criança, eu já achava Tatá bem idosa. Eu tenho a imagem daquela senhorinha, pequenininha, que me contava muitas histórias, muito vivas na minha memória. Algumas histórias eram felizes, outras nem tanto. Algumas me traziam imagens simples do cotidiano e outras eram quase como um documento histórico.

Então, sempre que eu decidia ir ao banheiro na casa de Tatá, eu sabia que não podia ter pressa... Ela sempre me convidava a sentar ali com ela, para poder conversar um pouco e, junto a esta conversa, sempre tinha de companhia um chocolate, um confeito ou coisa do tipo. E, depois de ganhar o doce, era óbvio para mim que precisaria parar e sentar para ouvi-la. No início, eu ficava com vergonha de, depois de ganhar a guloseima, sair da casa dela sem dar algo em troca. Desta forma, Tatá me

dava um chocolate e eu dava para ela um pouco do meu tempo. Mas, gradualmente, eu comecei a gostar tanto das histórias de Tatá, que passei a ouvi-la pelo prazer que aquele momento me proporcionava.

E pelas palavras de Tatá, eu passei a conhecer a Palmares de um passado que eu nem sabia que existia. Ela contava como a cidade tinha crescido, se estruturado, como eram as praças, o trem de passageiros, como eram as pessoas, a escola onde eu estudei e onde, antes mesmo de eu nascer, ela já havia trabalhado, como uma espécie de zeladora. Ela falava da minha mãe jovem, do meu pai, dos meus irmãos e irmãs crianças. Falava da relação tensa que ela teve com a mãe dela (essas histórias dela com a mãe eu não gostava muito de ouvir, mas eu deixava que ela contasse mesmo assim porque, mesmo sem entender muito, eu sabia que ela precisava) entre outras tantas histórias, que eu adorava ouvir.

O tempo passou. Fui estudar no Recife. Passei a vê-la esporadicamente. Até que Tatá fez a passagem dela e, alguns anos depois, me vi estudando questões relacionadas à memória e ao envelhecimento atrelado a processos criativos. E na hora em que eu estava finalizando a minha dissertação, ela surgiu de volta das imagens adormecidas da minha mente e eu dediquei tanto a dissertação quanto posteriormente o meu livro a Tatá, porque foi ela, ali na minha infância, que me ensinou a gostar das histórias dos velhos.

Depois da experiência inicial de intergeracionalidade que vivenciei na minha própria família, porque você vive uma experiência intergeracional já na sua própria casa, a experiência intergeracional mais marcante que eu vivi na minha infância foi com Tatá, contando-me suas histórias.

Viver uma experiência intergeracional em princípio é você estar disponível à convivência. Portanto, naquele momento em que eu ainda era uma criança e Tatá já era uma mulher madura, a diferença etária não influenciava de forma negativa a nossa relação, pois o fato de eu e ela estarmos abertas para o convívio e o diálogo possibilitava que o nosso processo intergeracional fosse positivo. Uma relação na qual não só eu aprendia com ela, mas ela também aprendia comigo.

Portanto, as relações intergeracionais podem ser excelentes circunstâncias de aprendizagem mútua, apesar das diferenças etárias, das diferenças sociais, das diferenças de valores, da aparência, apesar da forma de ser e de estar no mundo, é possível construir relações intergeracionais significativas para a vida.

A intergeracionalidade pode ser, além de tudo, uma experiência fraterna, na qual podemos retribuir o cuidado para com aquelas e aqueles que cuidaram primeiro de nós.

Vamos pensar numa criança recém-nascida que não consegue nem sustentar seu próprio corpo. É a mãe, o pai, a avó, muitas vezes a tia que está ali, nesse primeiro momento da vida, com toda paciência do mundo, escutando aquele choro, que muitas vezes é intermitente, e você não consegue identificar o porquê do choro: se é fome, se é sede, se é dor de barriga... Imagina a paciência e o trabalho que essas pessoas tiveram pra fazer aquele ser que é miúdo e que não sabe nada da vida, aprender e se fazer Pessoa.

É natural a pessoa adulta ou idosa cuidar da criança. Mas, por que não naturalizamos também o cuidado com quem envelhece? Por que não temos a mesma paciência com quem envelheceu?

A família que é esta nossa primeira experiência intergeracional pode ser um lugar de muitos conflitos, mesmo quando há muito amor envolvido. E muitos desses conflitos, têm origens geracionais, porque a compreensão de mundo é diferente, os contextos em que cada um se construiu como pessoa não são os mesmos. Ademais disso, se nos abriremos para o diálogo fraterno, para a possibilidade de escuta entre nossos irmãos, nossos pais, nossos avós, esses conflitos podem, ao invés de gerar exclusão, serem fonte de troca e de conhecimento mútuo.

Nessa perspectiva, a intergeracionalidade se constrói com afeto e com disposição para escutar e entender as necessidades do outro, seja quando o adulto assiste à criança ou quando a criança/jovem/adulto assiste à pessoa envelhecida.

Há uma socióloga brasileira chamada Éclea Bosi que falou muito em seus livros e artigos sobre os processos de envelhecimento. Ela diz, em seu livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, que o velho é esse arquivo vivo que guarda todo um passado em sua memória, que o torna responsável, muitas vezes, por um grande e largo processo de aprendizagem oral (Bosi, 1983).

Muito do que sabemos não aprendemos apenas na escola, porque, para além da aprendizagem formal, existe aquela do dia a dia, que acontece de maneira informal, e é transmitida pelos nossos pais, avós, tios, tias, madrinhas e padrinhos, ou seja, pelos adultos que fazem parte do nosso convívio, e que nos ensinam por meio da oralidade sobre os costumes, hábitos, até a forma como usar determinados utensílios, ou determinadas ferramentas, sobre valores e comportamentos. E se não ouvirmos os velhos, o que vai sobrar da nossa história e da nossa cultura? Como reforça Bosi (1983), “haveria, portanto, para o velho, uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os membros de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem” (Bosi, 1983, p.24).

Dito tudo isto, fica evidente como a pessoa madura precisa ser valorizada como pessoa e como fonte de saberes, porque o aprendizado nutrido em toda uma vida não pode ser descartado e ignorado. E, quanto mais estivermos dispostos a ouvi-las e acolher suas histórias e ensinamentos, mais estaremos viabilizando a intergeracionalidade.

Como na minha história com Tatá, nós desenvolvemos um processo de aprendizagem mútua entre pessoas de diferentes idades, que embora fosse informal, não descarta que isto também possa acontecer na sala de aula, dentro da educação formal.

INTERGERACIONALIDADE NA PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA

Como temos falado ao longo deste artigo, as pessoas estão vivendo mais, e por esta razão necessário se faz que nós, enquanto sociedade,

desenvolvamos novas e melhores formas para que, além de vivermos mais, vivamos também melhor e mais adaptados às mudanças que acontecem no mundo ao nosso redor, à medida que envelhecemos.

Nesse sentido, a Organização das Nações Unidas (ONU), através de sua Comissão de Educação trouxe, já no final da década de 1990, um novo paradigma de educação para o século XXI, denominado de Educação ao Longo da Vida, numa perspectiva de considerar as mudanças que já estavam ocorrendo no mundo no que diz respeito à capacidade do ser humano de viver mais e as grandes transformações advindas das novas tecnologias digitais. Segundo a UNESCO (1996),

Perante os múltiplos desafios suscitados pelo futuro, a educação surge como um trunfo indispensável para que a humanidade tenha a possibilidade de progredir na consolidação dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. No desfecho de seus trabalhos, a Comissão faz questão de afirmar sua fé no papel essencial da educação para o desenvolvimento contínuo das pessoas e das sociedades: não como um remédio milagroso, menos ainda como um “abrete sésamo” de um mundo que tivesse realizado todos os seus ideais, mas como uma via – certamente, entre outros caminhos, embora mais eficaz – a serviço de um desenvolvimento humano mais harmonioso e autêntico, de modo a contribuir para a diminuição da pobreza, da exclusão social, das incompreensões, das opressões, das guerras... (UNESCO, 1996)

Estar em uma sociedade longeva e em um mundo que muda rapidamente nos impõe viver num movimento de aprendizagem contínua. Aprender para não sucumbir na obsolescência.

E quando falamos de envelhecimento e de aprendizagem ao longo da vida, nos remeteremos quase que automaticamente, numa perspectiva de ensino formal, a pensar na Educação de Jovens e Adultos, como este espaço institucionalizado de promoção da educação para aqueles que não tiveram oportunidade ou possibilidade de passar pela educação formal na idade comumente tida como correta.

O Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, das 9,6 milhões de pessoas que não sabem ler

e escrever, 59,4% (5,3 milhões) vivem no Nordeste e 54,1% (5,2 milhões) têm 60 anos ou mais (IBGE, 2022), ou seja, ainda é muito expressivo o número de pessoas que não foram sequer alfabetizadas e que veem na EJA este espaço oportuno de aprendizagem e promoção de cidadania. Para a LDB (2017),

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (LDB, p. 30, 2017)

Desse modo, a Educação de Jovens e Adultos aparece no cenário da educação brasileira com três funções principais: reparadora, equalizadora e qualificadora. Numa perspectiva de buscar restaurar direitos que foram negados à jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso a educação formal, na idade comumente tida como adequada; garantir igualdade de oportunidades e desenvolver habilidades que preparem estes para a vida em sociedade e o mercado de trabalho (CNE/CEB, 2000).

Mas, além dessas funções, a Educação de Jovens e Adultos tem outra função que se torna ao mesmo tempo um grande desafio, que é promover a intergeracionalidade na sala de aula da educação básica. E falar dessa experiência intergeracional na sala de aula da EJA é propor mais uma vez a ideia de fraternidade, de escuta e de abertura para um encontro verdadeiro com o outro.

É evidente que sabemos que existem as diferenças geracionais de comportamento, de valores e conceitos morais. Mas isto não pode se tornar um impedimento para o convívio, porque a diferença, num espaço diverso como é a sala de aula da EJA, nunca pode ser associada a algo ruim ou danoso, visto que a diversidade é, e sempre será, algo intrínseco a esta modalidade de ensino.

Mesmo que esses valores que foram construídos ao longo da vida de um sujeito não sejam mais tão aceitáveis nos dias atuais, é preciso manter firme o desejo e a disposição para o diálogo para que os conflitos geracionais possam se dissolver no percurso.

Qual a maior dificuldade que podemos encontrar quando falamos de intergeracionalidade em sala de aula? A indisponibilidade para a escuta do outro.

E por que as pessoas ficam indisponíveis para escutar o outro? Porque muitas vezes nos falta entendimento de que o outro não sou eu, e que o repertório que cada um construiu ao longo da vida é diferente e molda a nossa percepção sobre o mundo. Entender onde cada um se forjou como Pessoa facilita o diálogo, possibilita o estabelecimento de intervenções pedagógicas mais eficientes e, sobretudo, cria pontes para o diálogo e a compreensão mútua.

Então, quando pensamos em estratégias de convivência intergeracional dentro da sala de aula, a primeira questão a se pensar é: como abrir espaço para escuta, espaço no qual as pessoas, independentemente da idade e de conhecimentos prévios, se sintam seguras para falar, e para serem ouvidas?

Outra questão importante a se pensar diz respeito ao tempo-relógio. Vivemos em um momento acelerado da nossa história em que tudo é muito rápido. O celular é rápido, os programas de televisão são menores, a pressa e a pressão por produtividade gera em nós um senso de urgência que nos rouba a calma e a paciência.

Mas quando se está na fase madura e/ou na fase anciã da vida o tempo é outro, e aprender a entender e a respeitar esses tempos nos processos de ensino e aprendizagem, também é promover a intergeracionalidade na sala de aula.

Outra questão é a promoção da autonomia em qualquer fase da vida. Quando envelhecemos, um dos fatores mais importantes é não perder a autonomia. E quando estamos nessa relação social que é a sala de aula, muitas vezes, o aluno ou aluna 60+ é tratado de forma infantilizada, forma

esta que nos condiciona a pensar na pessoa que envelhece de um ponto de vista de dependência e incapacidade.

E isto nem sempre procede com a realidade, porque a condição de velho não necessariamente te coloca num lugar de incapacidade e dependência. Portanto, dar autonomia à pessoa, mostrar que ela é capaz de fazer, ajudá-la a construir esse processo de aprendizado, isso promove a intergeracionalidade, seja em um ambiente de educação formal, seja em um ambiente informal, como, por exemplo, a família.

Dessa maneira, quando o neto ensina a avó a manusear um artefato tecnológico, quando uma idosa mostra o mundo através de histórias de vida para uma criança ou quando a professora adapta um conteúdo para a sala de aula levando em consideração a idade e os contextos sociais dos sujeitos, ambas as experiências se concretizam como experiências intergeracionais de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei este artigo me propondo a responder algumas questões e eu espero que, para você, querido leitor e querida leitora, eu as tenha conseguido responder.

A primeira questão dizia respeito sobre: o que é envelhecimento? E como vimos, o envelhecimento se dá no ser humano através do aspecto biológico, cronológico, psicológico e social. Portanto, precisamos analisar esses diferentes aspectos para entendermos a face do envelhecimento em cada sujeito.

A segunda questão dizia respeito sobre: o que é envelhecer? E, como pudemos perceber, envelhecer não é uma questão isolada e homogênea, porque além de todos os aspectos que definem o envelhecimento, a forma como cada pessoa escolhe envelhecer vai impactar de forma positiva ou negativa sobre seu processo de envelhecimento.

Uma terceira questão refere-se ao porquê o envelhecimento ainda soa como algo assustador para a maioria de nós e, ao longo do texto

fomos entendendo que, através dos anos, foi-se construindo uma narrativa carregada de pre-conceitos que colocou o velho à margem em muitos processos sociais.

Uma quarta questão relacionava-se aos benefícios e as limitações que o envelhecimento traz e, como vimos nos últimos anos, envelhecer tem ganhado um novo sentido social que tem possibilitado a quem envelhece o direito a uma reinserção participativa nesta sociedade do século XXI.

E uma principal questão que permeou todo o texto referia-se a intergeracionalidade como um paradigma para uma sociedade que se torna cada vez mais diversa do ponto de vista etário, e que precisa desenvolver estratégias de convivência e de intercâmbios sociais que incluam todas as gerações nos diferentes espaços sociais, inclusive dentro da sala de aula.

A Educação de Jovens e Adultos pode ser este espaço de promoção da intergeracionalidade atrelada ao paradigma de uma educação que se dá ao longo da vida e que permite que todos e todas continuem sendo inseridos e reinseridos dentro de uma sociedade que muda a todo tempo.

Portanto, possibilitar espaços de diálogos na sala de aula da EJA entre pessoas de diferentes gerações, criar ações e atividades nas quais as pessoas interajam de forma leve e não hierarquizada, nos leva a quebrar barreiras e construir pontes no caminho da promoção de relações mais humanas e inclusivas.

Por esta razão, é inegável a importância social da modalidade Educação de Jovens e Adultos na promoção da inclusão e no acolhimento das diversidades. A EJA é esse campo de infinitas possibilidades de convivência intergeracional, ou seja, se a escola regular separa os sujeitos por faixa etária, a EJA é esse espaço educacional no qual todas as pessoas são incluídas, e quanto mais incentivarmos que as escolas tenham esse espaço inclusivo que é a Educação de Jovens e Adultos, mais conseguiremos que um número maior de pessoas se sintam bem-vindas na escola, mesmo estando elas fora do padrão etário. Porque a EJA é este momento oportuno de estudar e de realizar sonhos.

REFERÊNCIAS

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

GOMES, Irene; FERREIRA, Igor. Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste. 07/06/2023 . **Agência IBGE Notícias**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste>> . Acesso em: 14 ago. 2025.

JESUS, Emanuella de. **Caminhos para uma Dramaturgia de Pertencimento: processo criativo de alunos atores-idosos**. Recife: Sesc Santa Rita, 2016.

LDB: **Lei de diretrizes e base da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

MARTINS, Ernesto Candeias. Educar adultos maiores na área da educação social: a intergeracionalidade numa sociedade para todas as idades. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 40, n. 3, p. 661-680, set./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/105216/ia.v40i335750>>.

MASCARO, Sônia de Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos)

SERRA, Deuzimar Costa. **Gerontagogia dialógica intergeracional**. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

SILVA, Geovana Borges da; BORGES, Silvanis dos Reis. A importância da intergeracionalidade para a promoção da Aprendizagem. **JNT Facit Business and Technology Journal**. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO - MÊS DE NOVEMBRO - Ed. 47. VOL. 01. Págs. 39-55. ISSN: 2526-4281

UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira; revisão de Reinaldo de Lima Reis. Paris: UNESCO, 1996.